



Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade (Ef 2,14)

Christ is our peace: from what was divided,
he made a unity (Ef 2,14)

*Aíla Luzia Pinheiro de Andrade**

Universidade Católica de Pernambuco

*Solange Maria do Carmo***

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Recebido em: 18/09/2020. Aceito em: 28/09/2020.

Resumo: *A Carta aos Efésios serve de base para a Campanha da Fraternidade 2021 (CF). Seu tema “Fraternidade e diálogo: compromisso de amor” se mostra muito atual, e seu lema “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade” relembra que a paz é marca registrada do cristianismo e que a unidade é obra de Cristo. O conhecimento da Carta por meio de apurada investigação acadêmica oferece a oportunidade de superação de fundamentalismos, que se firmam sobre as pernas bambas do desconhecimento e da leitura rasa da Escritura. A Carta aos Efésios, cuja centralidade se encontra na unidade, é vetor de unificação e de diálogo. Ela nos desperta para o compromisso ético do amor, que ensina a aceitar o outro como ele é e lhe garante a liberdade de ser e estar no mundo sem coerções e violências. Assim, este artigo, além de contribuir com a reflexão bíblica acadêmica, oferece ocasião de reflexão no campo prático, levando os leitores a se interrogarem acerca de suas posturas éticas nesse mundo de muitas intolerâncias e pouco diálogo.*

* Doutora em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2008). Mestra em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2003). Bacharela em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2000). Licenciada em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 1998).

E-mail: ailapinheiro@hotmail.com.br

** Doutora em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2013). Mestra em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2008). Bacharela em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUCMinas, Belo Horizonte, MG).

E-mail: carmosolange@gmail.com



Palavras-chave: Carta aos Efésios. Diálogo. Campanha da Fraternidade. Unidade. Muro de separação.

Abstract: *The Letter to the Ephesians serves as the basis for the Fraternity Campaign 2021. Its theme “Fraternity and dialogue: commitment to love” is very current, and its lemma “Christ is our peace: of what was divided, made a unity” recalls that peace is a mark of Christianity and that unity is the work of Christ. Knowledge of the letter through refined academic research offers an opportunity to overcome fundamentalisms, that stand on those with lack of understanding and superficial reading of Scripture. The Letter to the Ephesians, which centrality is in unity, is a vector of unification and dialogue. It awakens us to the ethical commitment of love, which teaches us to accept the others as they are and guarantees them the freedom to be and be in the world without cohesion and violence. Thus, this article, in addition to contributing to academic biblical reflection, offers an opportunity for reflection in the practical field, leading readers to ask themselves about their ethical stances in this world of many intolerances and little dialogue.*

Keywords: Letter to the Ephesians. Dialogue. Fraternity Campaign. Unity. Separation wall

1 Introdução

A Campanha da Fraternidade de 2021 tem como tema “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e, como lema, “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade”, baseado no texto de Ef 2,14. Falar sobre o tema do diálogo nunca é demais, ainda mais a partir das Escrituras Sagradas, que são o luzeiro da vida do cristão. O momento atual, marcado pela intolerância, pela promoção do ódio e pelo preconceito, obriga os cristãos a colocarem a fé a serviço da cultura da paz, rumo à construção de um modelo social alternativo, cujas bases sejam o diálogo e o respeito à diferença. Em tempos de tantos fundamentalismos e integristas, uma leitura apurada da Carta, que serve de pressuposto para a CF, pode contribuir nesse processo.

2 Abordagem geral: dados da Carta

Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, Paulo teria estado em Éfeso por ocasião de sua segunda viagem missionária e, quando lá chegou, teria encontrado alguns discípulos que ainda não tinham recebido o batismo (At 19,1-7). Durante três meses, o apóstolo teria anunciado Jesus como o messias na sinagoga da cidade (At 19,8). Mas como “alguns se obstinavam na incredulidade e falavam mal” dos seguidores do Caminho (At 19,9), Paulo teria passado a usar a escola de Tiranos para sua atividade



evangelizadora e catequética (At 19,9). De acordo com Lucas, autor dos Atos, o apóstolo teria permanecido naquela região por dois anos, sempre pregando para os efésios e para os habitantes das cidades vizinhas (At 19,10), tornando Éfeso um centro de difusão do cristianismo.

Sabe-se, pois, que o livro dos Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, não é uma crônica histórica, ou seja, é um relato mais teológico que factual. Lucas tem intenções teológicas quando descreve as viagens de Paulo. Quer mostrar como se cumpre o programa dos seguidores de Jesus, descrito em At 1,8: “Sereis minhas testemunhas, em Jerusalém, na Judeia, na Samaria e até os confins da terra”. O autor quis mostrar que, para Paulo, não havia limites. O apóstolo dos gentios extrapolou as fronteiras da Palestina e chegou aos confins da terra, Roma, levando a boa nova de Jesus Cristo. Nessa aventura de divulgar o evangelho, Paulo teria ido parar em Éfeso.

Éfeso, a segunda cidade mais importante do império romano, era a casa de Diana (também conhecida como Ártemis). Ali havia um imponente templo erigido à deusa, tal era a importância de seu culto na localidade e nas regiões vizinhas (At 19,24). A cidade era lugar de muitas crenças, de práticas mágicas e de idolatria (At 19,17-20), carregava a marca do pluralismo religioso, obrigando a fé cristã nascente a lidar com essa realidade. Assim, a diversidade religiosa é o pano de fundo da Carta aos Efésios, uma realidade não muito distante do nosso tempo, no qual o pluralismo religioso e a liberdade religiosa são fundantes.

A epístola atribuída ao apóstolo Paulo está incluída entre as quatro Cartas do Cativo, juntamente com Colossenses, Filipenses e Filemon. Essa inclusão se deve ao léxico utilizado pelo escritor. Expressões como ser “prisioneiro de Cristo Jesus” (Ef 3,1), “prisioneiro do Senhor” (Ef 4,1) e “embaixador acorrentado” (Ef 6,20) dão o tom do texto.

A Carta aos Efésios foi tradicionalmente atribuída ao apóstolo Paulo, mas, desde o final do século XVIII, a autoria paulina foi contestada pelos exegetas. Raymond Brown afirma que cerca de oitenta por cento dos estudos críticos julga que Paulo não escreveu a Carta aos Efésios¹. A contestação da autoria paulina se deu, principalmente, com base no vocabulário, na forma da escrita e no tema da escatologia, elementos que são nitidamente diferentes das cartas paulinas cuja autenticidade nunca foi

¹ BROWN, Raymond E. *The churches the apostles left behind*. New York: Paulist Press, 1984. p. 47.



questionada. Além desses fatores há o caráter impessoal da carta, que não possui qualquer indicação de que o autor tenha conhecido pessoalmente seus destinatários². O texto está na forma de um tratado geral; não há exortações próprias e não trata de problemas específicos da comunidade com a qual Paulo teria convivido por dois anos. Apesar da contestação da autoria, a Carta aos Efésios faz parte do *Corpus Paulinum*³ desde tempos remotos do cristianismo. Os estudiosos que consideram uma improvável autoria paulina afirmam que Efésios seria um escrito deuteropaulino, cujo autor resumiu os ensinamentos de Paulo com o objetivo de dar respostas aos desafios de um contexto posterior à morte do apóstolo, entre os anos 80 e 100 d.C. Trata-se, pois, de uma pseudoepigrafia: um texto redigido por uma pessoa pouco conhecida, mas atribuído a alguém de renome. Essa não era uma prática incomum e são muitos os casos registrados na bíblia. Exemplo claro são os salmos de Davi, mas Davi provavelmente não sabia nem ler nem escrever, pois um rei devia ser bom de estratégias comerciais e bélicas e não versado nas letras. É o caso também da Sabedoria de Salomão e de muitos outros registros. Com essa prática, o texto ganhava visibilidade e sua aceitação ficava garantida.

Como um leitor atento pode observar, a Carta aos Efésios é bastante semelhante à Carta aos Colossenses. Ambas têm o mesmo estilo, o mesmo vocabulário e temas muito próximos, o que mostra que uma das cartas foi intencionalmente usada como base para se escrever a outra.

Tudo indica que a Carta aos Efésios foi escrita principalmente para cristãos vindos do mundo gentílico, pessoas que abandonaram um passado pagão para aderir à fé cristã. Esses neoconvertidos precisavam ser instruídos sobre o novo modo de crer e de viver dos cristãos. Apesar do tom da Carta apontar para esse público, os cristãos vindos do judaísmo não são excluídos da mesma. O autor os contempla com um ensinamento acerca do mistério divino: Deus incluiu os gentios na fé e na aliança, e essa graça não é mais uma exclusividade de Israel (Ef 1,9-10; 3,3-6). Com essa novidade, o autor ratifica a entrada dos gentios na comunidade e interpela os judeus à aceitação dos mesmos. No momento atual, quando a intransigência de alguns grupos conservadores exclui a diversidade do horizonte cristão e reivindica para si a exclusividade do

² BARTH, Markus. *Ephesians: Introduction, Translation, and Commentary on Chapters 1-3*. New York: Doubleday and Company, 1974. p. 50-51.

³ Conjunto de todas as Cartas atribuídas a Paulo, inclusive aquelas que hoje chamamos de deuteropaulinas.



nome de católicos, a Carta aos Efésios tem muito a nos ensinar. Jesus é paz entre judeus e gentios; ele é o elo que une dois extremos por longo tempo equidistantes, sem diálogo e sem tolerância. Essa afirmação da Carta rompe as barreiras dos judeus contra os gentios e abre as portas para os recém-convertidos de outras nacionalidades.

As primeiras comunidades cristãs não estavam isoladas do mundo, como também hoje não o estão. Desenvolviam-se inseridas no contexto histórico, geográfico, econômico, político e cultural da época. Os textos bíblicos refletem essa inserção. A fé cristã das origens mostrou-se crítica a respeito de muitas realidades do mundo e adequou-se a outras. Soube assimilar muitos valores e usufruir de todos os meios da época para divulgar o evangelho. O estilo epistolar do *Corpus Paulinum*, gênero muito comum no império romano nos primeiros séculos da era cristã, é um exemplo claro disso. As Cartas que compõem essa coleção têm seu estilo derivado das cartas do ambiente secular. No entanto, os autores neotestamentários sentiram-se livres para fazer diversas modificações no estilo, seja para dar centralidade a Cristo, seja para enfatizar os vínculos de fraternidade entre autores e destinatários. A Carta aos Efésios não foge à regra.

As cartas normalmente estavam divididas em três partes obrigatórias – *praescriptio*, *prooemium* e *corpo* – e uma parte opcional, a *salutatio* final.

A parte inicial, chamada de *praescriptio*, abre a Carta e é composta por três momentos: *superscripto*, *adscrito* e *salutatio*.

Superscriptio é o que vem em primeiro lugar, acima dos demais elementos, e onde o nome do remetente da carta é mencionado. Na Carta aos Efésios, o *superscriptio* é apenas assim: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus” (1,1).

Adscriptio é a parte que traz a identificação do destinatário. Em Efésios, o autor usa a expressão “aos santos [que moram em Éfeso] e fiéis em Cristo Jesus” (1,1b)⁴. A expressão “em Éfeso” não é encontrada nos manuscritos mais antigos que contêm os escritos paulinos, levando os exegetas a considerarem a expressão “em Éfeso” como uma interpolação, ou seja, um acréscimo. Marcião, no século II, criou o primeiro cânon do Novo Testamento e era de opinião que essa Carta teria sido endereçada

⁴ TITE, Philip L. How to begin, and why? Diverse functions of the pauline prescript within a greco-roman context. In: PORTER, Stanley E. and ADAMS, Sean A (ed.). *Paul and the Ancient Letter Form*. Leiden: Brill, 2010. p. 71.



à igreja de Laodiceia em vez de a Éfeso⁵. A Bíblia de Jerusalém destaca que a frase “que estão”, provavelmente, viria “seguida por um espaço em branco, destinado ao nome dessa ou daquela igreja à qual seria enviada a carta”⁶. Por essas razões, os estudiosos consideram que não se trata de uma carta para nenhuma igreja específica, mas de uma carta circular⁷.

Salutatio é a saudação, que, em Efésios, é “graça e paz a vós” (Ef 1,2) que, em grego é χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη, aparece dez vezes no *corpus paulinum* (Rm 1,7; 1Cor 1,3; 2Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1Tm 1,1; 2Tm 1,1; Flm 1,3). Contudo, a *salutatio* no *Corpus Paulinum* não segue à risca o estilo epistolário da época. Há uma mistura de influência judaica e grega, pois os elementos de “graça e paz” vêm acrescidos de bênçãos e de orações derivados da liturgia judaica no Templo, com dependência, por exemplo, da bênção de Nm 6,25-26⁸.

Depois dessa primeira parte, o *praescriptio*, vem o *prooemium*, uma breve introdução a qualquer assunto. Poderia ser um agradecimento aos deuses, ou a um deus específico. As cláusulas de agradecimento não eram estereotipadas, mas emanavam do desejo espontâneo dos remetentes ou se fundamentavam em um acontecimento específico⁹. Um sentimento de ternura e gratidão podia exalar das cartas, pois mesmo não tendo a fé de Israel, os helênicos sabiam reconhecer as dádivas recebidas como divinas. Assim como hoje, a gratidão não é virtude própria dos cristãos, apesar de estes serem fundamentalmente chamados a ela. Qualquer pessoa de boa vontade, cristã ou não, crente ou não crente, pode cultivar essa atitude de reverência diante do mundo e dos seus mistérios, da natureza, das pessoas. É o que vemos em muitos artistas, poetas, compositores, atores... Diante do belo, se prostram e reconhecem que um mistério maior do que a mão pode abarcar. No caso do epistolário do Novo Testamento, não somente no *Corpus Paulinum*, mesmo não sendo obrigatórias, as ações de graças são constantes. Em Efésios, o autor agradece a Deus pela obra que ele fez através de Jesus Cristo.

⁵ A Carta a Laodiceia é mencionada em Cl 4,16.

⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985. p. 2196. Nota de rodapé a Ef 1,1.

⁷ BRUCE, Frederick Fyvie. *The Canon of Scripture*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1988. p. 142.

⁸ TITE, 2010, p. 73.

⁹ ARZT-GRABNER, Peter. Paul's Letter Thanksgiving. In: PORTER, Stanley E. and ADAMS, Sean A (ed.). *Paul and the Ancient Letter Form*. Leiden: Brill, 2010. p. 148-149.



O *prooemium* da Carta aos Efésios é um hino de ação de graças (1,3-14). Além de ser um louvor, trata-se de uma catequese sobre a obra do Pai (v. 4-6), a obra do Filho (v. 7-12) e a obra do Espírito (v. 13-14). O Pai nos escolheu, em Cristo, antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis; nos assinalou de antemão para sermos seus filhos adotivos por meio de seu Filho. A obra de Cristo é a redenção pelo seu sangue, ou seja, o perdão dos pecados. Ele esbanjou a graça de Deus com toda sabedoria e compreensão. Através de sua ação se tornou conhecido o mistério da vontade de Deus. Para ele tudo converge; tudo está sob sua liderança. Nele fomos escolhidos e nele temos nossa herança; nele fomos assinalados de antemão para o louvor de sua glória na plenitude dos tempos. Pelo (e com o) Espírito, fomos selados. O Espírito Santo completou tudo que foi feito pelo Pai e pelo Filho, pois nos abençoou com bênçãos espirituais de toda sorte.

Depois do *prooemium*, vem o *corpo*, que é o conteúdo da Carta. O *corpo* da Carta reflete a existência de uma igreja multicultural, pois o autor aborda questões típicas das culturas judaicas e também do mundo gentílico. A leitura da Carta dá a entender que judeu-cristãos e gentio-cristãos não estavam convivendo harmoniosamente. Essa desarmonia também estaria acontecendo no âmbito familiar, esposo-esposa, pais-filhos; assim como na dimensão social, escravos-livres. O autor exorta a igreja repetidamente sobre o tema da unidade, e esse é o núcleo central da Carta.

3 Organização: estrutura concêntrica

A Carta aos Efésios está dividida em duas grandes partes que se completam. Na primeira parte (1,1-3,21), Paulo disserta sobre o chamado feito por Deus. Na segunda parte (4,17-6,24), trata sobre a maneira correta de levar uma vida digna desse chamado. Os versículos 4,1-16 são o centro do texto. A estrutura geral pode ser definida conforme esquema abaixo:

- A. Saudação e ação de graças (1,1-14): **a graça do Pai e de Jesus Cristo**
- B. Oração: hino e intercessão (1,15-23): **oração**
- C. Da morte (paganismo) para a vida (2,1-10): **o poder do mal**
- D. Um em Cristo (2,11-22): **união dos povos**
- E. O ministério de Paulo entre os gentios (3,1-13): **papel da revelação**
- F. Oração pelos leitores (3,14-21): **fundamentados no amor**
- G. Tema central: **Unidade do Corpo de Cristo (4,1-16)**
- F'. Regras para a vida nova (4,17-5,8): **viver no amor**
- E'. Renúncia aos costumes pagãos (5,8-20): **papel da revelação**
- D'. Exortação (5,21-6,9): **união do casal**
- C'. A armadura do cristão (6,10-17): **o poder do mal**
- B'. Oração (6,18-22): **oração e súplica**
- A'. Bênçãos (6,23-24): **a graça de Jesus Cristo**



Na primeira seção (1,1-3,21), o autor enfatiza o plano de Deus para a plenitude dos tempos: reunir todas as coisas no Cristo. Ele ora para que os destinatários da Carta tenham a sabedoria que resulta no conhecimento desse plano. Aos que vieram do ambiente gentílico, recorda que passaram da morte para a vida, ao aderirem ao plano salvífico que Deus realiza em Cristo. Essa salvação é graça, dom de Deus. E a vocação e o ministério do autor entre os gentios também são dom de Deus, um exercício do poder divino concedido a ele e, por esse dom, ele louva a Deus e intercede pela igreja. Para finalizar, lembra que, vivendo a verdade no amor, terão oportunidade de crescer em todos os sentidos, em Cristo, cabeça da igreja.

Na segunda seção de Efésios (4,17-6,24), encontram-se quarenta, dos quarenta e um imperativos presentes na Carta inteira. Apenas um está na primeira seção (Ef 2,12: “lembrai-vos”). Assim, a segunda seção pode ser entendida como uma grande exortação, um texto para advertir, corrigir e animar os leitores. É na segunda parte que está posto aquele constrangedor código familiar, que adverte mulheres a serem submissas aos maridos (Ef 5,22) e também o código social que incentiva os servos a serem submissos a seus senhores (Ef 6,5). Reina uma sensação de desconforto nos leitores e nas leitoras modernos, pois esses textos foram usados para garantir a supremacia do varão em detrimento da dignidade da mulher e de sua liberdade, assim como para justificar a escravidão dos africanos no novo continente.

Hermenêuticas de gênero e teologia negra têm feito um esforço hercúleo para combater a leitura fundamentalista desses textos. A abordagem de gênero interpreta Ef 5,22 vinculado ao anterior, 5,21: “Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo”. Dessa forma, a submissão seria entendida como uma via de mão dupla: a subordinação mútua de esposas aos maridos e de maridos às esposas. Essa abordagem é válida, pois mesmo que o v. 24 reafirme a subordinação da mulher, sem mencionar a subordinação dos esposos, a eles é dito no v. 25 que amem suas esposas “como Cristo amou a igreja e se entregou por ela”. Certamente, o modo como Cristo amou a igreja foi assumindo uma atitude de servo durante a vida inteira, culminando com sua entrega que se efetivou numa morte horrível na cruz¹⁰. Mesmo assim, permanece o

¹⁰ MacDONALD, Margaret. *The Pauline Churches: A Socio-Historical Study of Institutionalization in the Pauline and Deutero-Pauline Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. Society for New Testament Studies Monograph Series, 60. p. 43: “This love-patriarchalism takes social differences for granted but ameliorates them



incômodo e, numa sociedade em que as mulheres defendem seus direitos em pé de igualdade com os dos homens, a explicação não é satisfatória. O nó da questão persiste sem desatar.

É bem verdade que a submissão a que as mulheres são admoestadas a viver é indicada com o termo grego *hypotasso*, que denota um ato voluntário e não uma imposição. Sabe-se que a expressão foi interpretada erroneamente ao longo da história, com as conotações de “obedecer”, “ser governado” ou “ser dominado”. Esse equívoco violentou a intenção original dos textos neotestamentários que provavelmente consideravam a subordinação mútua¹¹. Mas o fato de *hypotasso* dizer respeito a um ato voluntário também não resolve o mal-estar. Por que somente as mulheres são aconselhadas a se submeterem por vontade própria aos seus maridos e os maridos não são aconselhados a fazer o mesmo, se o versículo anterior diz “submetei-vos uns aos outros”? Numa sociedade machista e patriarcal, em que as mulheres precisaram queimar *sutiens* em praça pública como símbolo de sua libertação e que o direito ao voto só veio sobre o martírio de muitas feministas, por que as mulheres, por longos séculos oprimidas pelos varões, quereriam agora voluntariamente se submeter a eles em nome da fé?

O mesmo seja dito da submissão dos escravos ou servos a seus senhores. As hermenêuticas não têm sido suficientes para desatar o nó do texto. Horsley é de opinião que a razão pela qual os autores dos textos neotestamentários não tenham insistido para que seus leitores mudassem os papéis sociais e combatessem a escravidão era a iminência da parusia, a volta de Cristo. Mas tantos conselhos são dados no sentido de mudanças radicais, tal como a paz entre judeus e gentios, coisa antes impensada. Fica uma questão: por que esforçar-se pela paz entre os povos e não se esmerar na luta contra a escravidão?

A nova edição da Bíblia Pastoral traz uma nota sobre esse tema: “Quanto ao relacionamento entre senhores e escravos, Paulo não faz uma

through an obligation of respect and love, an obligation imposed upon those who are socially stronger” (Este amor-patriarcalismo toma as diferenças sociais como certas, mas as melhora através de uma obrigação de respeito e amor, uma obrigação imposta a aqueles que são socialmente mais fortes).

¹¹ PENN-LEWIS, Jessie. *The Magna Charta of Woman*. Minneapolis: Bethany Fellowship, 1975. p. 77-78. A autora argumenta que Ef 5,21; 1Pd 5,5; 1Cor 16,3.16; Cl 3,18; Tt 2,5 são textos nos quais aparece essa conotação positiva do termo *hypotasso*: “in each case the Greek word being the same as rendered subjection one to another” (em cada caso a palavra grega é a mesma que foi traduzida como submissão de um ao outro).



crítica à estrutura social do seu tempo; porém, salientando que todos são iguais perante Deus, ele anuncia uma transformação radical das relações, sejam quais forem os papéis e os deveres sociais¹². A explicação se aproxima do bom senso. Nas sociedades antigas, principalmente no Império romano¹³, em que era impossível conceber um mundo sem a escravidão, restava apenas aconselhar aos cristãos a viverem de modo novo essas relações injustas em si mesmas. A fê seria uma espécie de antídoto contra o mal, que, com medidas possíveis de fraternidade, amenizaria a injustiça das estruturas sociais do tempo.

Outra explicação possível é entender que, nessas exortações, o autor da Carta se aventura a estabelecer regras de conduta para a vida familiar e social, conforme os códigos aceitos pela sociedade em que estavam inseridos. Esses códigos foram nomeados pela exegese protestante alemã com a palavra germânica *haustafel*¹⁴. Eles definem os relacionamentos esposo-esposa, pai-filho e senhor-escravo. Foram desenvolvidos para orientar os novos cristãos do primeiro século a cumprir os requisitos inegociáveis da lei romana do *patria potestas*¹⁵ e, ao mesmo tempo, atender às necessidades da ética cristã. Na Carta aos Efésios, temos como exemplo de *haustafel*, principalmente a passagem de 5,22-6,9. Os textos sobre a submissão das mulheres aos maridos (Ef 5,22) e dos escravos aos seus senhores (Ef 6,5), que estão dentro da *haustafel* de Efésios, somente podem ser adequadamente compreendidos

¹² BÍBLIASAGRADA: edição pastoral. São Paulo: Paulos, 2014. p. 1431. Nota para Ef 6,1-9.

¹³ Nenhum povo na antiguidade teve tantos escravos como o império romano e estes eram a coluna vertebral do sistema econômico.

¹⁴ Literalmente, *haustafel* significa “mesa da casa”, cujo plural é *haustafeln*. Refere-se a uma tabela com as ações específicas que se espera que os membros de cada par doméstico de uma família (pai-mãe, irmão-irmã etc) realizem. Em várias epístolas do Novo Testamento e em vários escritos da era pós-apostólica, são encontrados exemplos de códigos de comportamento doméstico e social. Geralmente se aceita que o exemplo mais antigo é o Cl 3,18-4,1. Mas esses códigos não foram compostos especificamente para atender às necessidades das comunidades cristãs. A teoria que alcançou maior aceitação nos últimos anos é que códigos semelhantes a esse faziam parte da instrução catequética da igreja primitiva antes dos escritos neotestamentários. E seriam uma versão levemente cristianizada de um material extraído do estoicismo presente no ensino moral das sinagogas helenistas. CROUCH, James E. *The Origin and Intention of the Colossian Haustafel*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972. p. 37ss.

¹⁵ No império romano, o *pater familias* era o homem mais velho de uma casa, que exercia autoridade autocrática sobre sua extensa família. A expressão latina *patria potestas* (o poder do pai) refere-se a esse conceito. THOMAS, Yan. *Droit domestique et droit politique à Rome. Remarques sur le pécule et les honores des fils de famille*. Mélanges de l'Ecole française de Rome. *Antiquité*, v. 94, n. 2, 1982, p. 527-580.



nesse contexto do *patria potestas*, cuja abdicação das prerrogativas era inegociável no império romano.

Entende-se hoje que a *haustafel* de Ef 5,22-6,9 é uma tentativa apologética de proteger o novo movimento cristão da suspeita de que poderia minar as estruturas sociais daquela época e, em última análise, ameaçar a estabilidade do império romano, o que implicaria em perseguição ainda mais ferrenha e morte dos cristãos. Seu objetivo é pacificar os temores daqueles que suspeitavam que a fé cristã fosse um movimento subversivo¹⁶. A contextualização é boa e a explicação é crível.

Para Margaret MacDonald, a *haustafel* de Efésios tem por objetivo reduzir a tensão entre membros da comunidade e seus contemporâneos. Essa leitura geralmente considera a Carta como vinda do período pós-apostólico, quando as atitudes em relação à participação das mulheres nas igrejas se endureceram e houve uma reação contra os primeiros ideais igualitários¹⁷.

Apesar dos esforços, prossegue a estranheza das admoestações, tanto no caso das mulheres quanto dos servos. As leituras fundamentalistas e o surgimento de justificativas bíblicas para a escravidão e para o machismo persistem. Embora a hermenêutica que leva em conta as *haustafeln* seja válida, também é necessário admitir que o autor sagrado pensa como um indivíduo de seu tempo. Por mais que ele se esforce para fazer o evangelho penetrar em todos os cantos de sua vida pessoal quanto nos rincões da sociedade, ele não dá conta de ir contra as injustiças estruturais de sua sociedade. Não acontece o mesmo hoje? Nós não teremos amanhã vergonha de muitos posicionamentos sociais de hoje? As relações trabalhistas, em que os empregados são mão de obra barata para enriquecimento dos patrões, não são confirmadas pelos crentes hoje? Apesar da consciência da injustiça estrutural não temos escutado a voz unívoca da comunidade dos crentes a combater essa escravidão moderna. Parece que nos resta apenas a solução do autor da Carta aos Efésios. Não podendo combater o mal maior, esforçamo-nos, tanto quanto possível, para viver essa situação degradante com um mínimo de dignidade.

¹⁶ KEENER, Craig. *Paul, Women and Wives: Marriage and Women's Ministry in the Letters of Paul*. Peabody: Hendrickson, 1992. p. 145-146.

¹⁷ MacDONALD, 1988, p. 109.



Se ao escritor só resta a consciência possível de seu tempo, não há vergonha nenhuma em admitir que a Carta aos Efésios aconselhou a submissão de mulheres a seus maridos e de servos a seus senhores, mas que isso não é mais possível nem pode ser admitido hoje. Se não encontramos dificuldade para dizer que a proibição de comer carne de porco ou tocar no sangue foram superados pois eram dados culturais, não se deve ter medo de admitir que as admoestações do código doméstico e social da Carta aos Efésios caíram em desuso. Se não temos problema para entender que o sábado não precisa ser cumprido e que basta respeitar o direito ao descanso e ao lazer de cada pessoa, por que teríamos problemas para entender que esses conselhos do autor da Carta não condizem mais com a fé cristã? Devemos lembrar que a própria Escritura e também o sagrado mistério da Revelação de Deus se dá na história e não fora dela, portanto, a necessidade de justificar tudo que está nos registros sagrados a partir de critérios atuais só desmerece a Escritura. Basta dizer: “Naquele tempo, as mulheres não tinham conquistado os direitos de igualdade como se vê hoje depois de muita luta, pois estávamos numa sociedade patriarcal (do pai de família) e *kyriarcal* (do senhor). Hoje isso é impensável. Os cristãos são compelidos pelo mistério de Cristo a refutarem toda dominação masculina, e não a aceitarem, muito menos sob o argumento religioso”. O mesmo seja dito sobre a escravidão: “Naquele tempo, o regime de escravidão era aceitável e havia dificuldade para se perceber o absurdo que é subjugar e subordinar uma pessoa para se enriquecer às custas de seu trabalho e de sua vida. Hoje isso é inadmissível, apesar de o sistema econômico atual, capitalista e escravocrata, continuar fazendo o mesmo. Os cristãos, no entanto, não podem apoiar esse absurdo”. É essa clareza e transparência que nos faltam nas pregações. Retificamos as estranhezas do texto na tentativa de aplinar os absurdos da Escritura e, nesse esforço, pecamos contra o que ela tem de mais sagrado: a inspiração de Deus acontecida no chão concreto da história¹⁸.

4 Tema central: a unidade

Mostrar como um texto bíblico está estruturado não é simplesmente uma questão de erudição como pode parecer à primeira vista.

¹⁸ O texto bíblico é, ao mesmo tempo, palavra divina e humana (*Dei Verbum*, 13). Enquanto palavra humana está marcada pelos condicionamentos do contexto dos autores bíblicos: “Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana” (*Dei Verbum*, 12).



A estrutura aponta para a teologia do texto; ela sinaliza as escolhas do autor, o lugar onde ele põe destaque e o que deve orientar a leitura de todo o escrito. No caso de uma estrutura concêntrica, como é a Carta aos Efésios, ela indica que o autor fez uma ou mais molduras no intuito de destacar sua mensagem central. Assim, é a partir do plano da obra que podemos encontrar sua teologia mais genuína.

Observando o modo como a Carta aos Efésios foi estruturada, descobrimos que sua mensagem central (sua teologia) é a unidade do Corpo de Cristo (4,1-16). A descoberta do tema principal sublinha a convergência dos outros aspectos da epístola para um objetivo teológico bem definido, uma mensagem sobre a unidade entre os membros da comunidade dos seguidores e das seguidoras de Cristo. Esta é a mensagem da Carta aos Efésios: a unidade em Cristo. Uma mensagem central, dominante, única, em torno da qual o autor faz uma síntese da fé e da práxis cristãs. A unidade funciona como o foco de uma lanterna na escuridão do texto. Por meio do facho da sua luz, toda a Carta fica iluminada.

Para destacar melhor sua mensagem fundamental, o autor primeiramente se concentra no termo *ἀγάπη* (agape) que significa o amor incondicional com que Deus nos ama e com o qual somos chamados a nos amar uns aos outros (4,1-3). Cada membro da comunidade deve ser um suporte para os outros por meio do amor, “com toda a humildade, mansidão e paciência” (4,2). Assim, sustentados uns pelos outros, ninguém vacilará na fé. Por isso, a exortação para que se esforcem “diligentemente por preservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (4,3).

Estamos fortemente vinculados uns aos outros em Cristo, ainda que não queiramos. Há um só corpo, um só Espírito, uma só vocação, uma só esperança (4,4-5), pois “há um só Deus e Pai de todos, o qual está sobre todos, por todos e em todos” (4,6). Em Deus, fomos agregados e irmanados, e um fio invisível costura a vida de uns à vida dos outros. Este é primeiro argumento para a unidade na comunidade: fomos atados por um forte laço de comunhão, e esse laço é a presença de Deus e o seu agir em nós.

Essa unidade, no entanto, não deve ser confundida com uniformidade. Ela se dá em meio à pluralidade circunstancial. Por isso, da igreja como um todo, o autor passa a tratar de seus membros individuais. Na unidade geral, o indivíduo não é esquecido. Ela contempla a variedade de dons e ministérios: “a graça foi concedida a cada um segundo a medida



do dom de Cristo” (4,7). “Cada um” (ἐνὶ ἐκάστῳ) é diferente do outro, embora todos estejam em unidade; os ministérios são diferentes e, portanto, os dons são diferentes. Todos agem pela graça que é concedida por Deus e ela não se origina nas pessoas, mas em Deus mesmo. A graça é dada a cada pessoa de forma suficiente para capacitá-la a viver configurada a Cristo.

Finalmente chegamos no ponto central da Carta (4,8-10), que amarra toda a trama de argumentos em vista de demonstrar a unidade essencial da comunidade cristã. Para isso, o autor se fundamenta nas Escrituras, tomando como base o Sl 68,19. Curiosamente, o autor se desvencilha do texto hebraico e assume a versão aramaica do Salmo, no qual o verbo “receber” é substituído pelo verbo “dar”: “Por isso foi dito: ‘Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e **deu** dons aos homens’” (Ef 4,8; Sl 68,19)¹⁹. O autor neotestamentário relê o Salmo sob a ótica da ascensão de Cristo, após sua ressurreição dos mortos. O Cristo que volta para o Pai dá aos seus seguidores o dom da unidade.

O versículo, tal como está no salmo, refere-se a um triunfo militar. O Deus de Israel, qual conquistador colocado em uma carruagem muito elevada, estava sobre a arca da aliança, considerada baluarte de guerra e palanquim. O Salmo foi composto, provavelmente, por ocasião da remoção da arca da aliança da cidade de *Kiryat Ye'arim* (também conhecida como Baalá de Judá) para o Monte Sião (2Sm 6,1ss). É um cântico que celebra as vitórias de Deus, particularmente aquelas que foram alcançadas quando a arca estava à frente do exército. Era comum que um rei vitorioso em uma batalha, trouxesse amarrados atrás de sua carruagem os rivais cativos, reis e generais, para ilustrar o seu triunfo. Nesse momento, o rei vitorioso **recebia** dons, os despojos que eram frutos de suas conquistas, e submetia os conquistados às suas leis. Na Carta aos Efésios, seguindo a versão aramaica, Deus, em Cristo, **deu** os dons e não os **recebeu**.

À subida da arca para o Monte Sião, o salmista associa o fato de Deus ter subjugado todos os inimigos. A versão aramaica vê nessa ascensão o meio de obter dons inestimáveis para as pessoas; porque dali a Torá deveria se espalhar pelo mundo inteiro como resultado do triunfo de Deus. Para o autor da Carta aos Efésios, a ascensão de Cristo pode

¹⁹ Para maiores detalhes: ANDRADE, Aila Luzia Pinheiro; RIBEIRO, Susie Helena. Targumim, as traduções aramaicas do Antigo Testamento, e alguns paralelos com o Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 1, 2020, p. 67.



ser dita em comparação à procissão triunfal da arca da aliança rumo a Sião. A ascensão do Ressuscitado mostra o total triunfo sobre o mal, sobre a morte e sobre o pecado. Ele “levou cativo o cativoiro” (Ef 4,8). Não há nada que permaneça fora de seu domínio. Seu triunfo sobre os inimigos da humanidade indica que ele concede bênçãos e dons a todos que nele creem, de forma que podem viver em comunhão entre si e com ele, vitoriosos sobre todo muro de separação.

Em 4,11-13, o autor volta a compor sua moldura para envolver o tema central. Retorna ao tema da diversidade dos dons, para que cada pessoa exerça seu ministério singular: a uns constituiu “apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres” (4,11).

Por fim, temos o fechamento da moldura (4,14-16) com o termo *ἀγάπη* (agape), que já apareceu em 4,1-3: “vivendo conforme a verdade no amor, crescamos em todos os sentidos, naquele que é a cabeça, Cristo” (4,15).

5 Conclusão: o rompimento do muro de separação

Se a Carta aos Efésios tem como tema central a unidade em Cristo assunto aos céus, que tem todas as realidades sob seu domínio e exerce seu triunfo sobre os inimigos da humanidade, pode-se inferir que o autor e os leitores da Carta tinham bem presente um fator de separação. “Ele é a nossa paz, de dois povos fez um só, derrubando em sua carne o muro da inimizade, que os separava” (Ef 2,14). Se a unidade não fosse problema, ela seria ignorada e outro problema seria discutido. Ora, o que separava a comunidade destinatária da Carta aos Efésios? Por que a insistência na derrubada do muro da inimizade?

O muro da inimizade ou muro de separação foi algo bem concreto no primeiro século, conforme recente descoberta arqueológica. No Templo construído por Herodes, havia uma inscrição que advertia aos gentios que evitassem entrar no perímetro do Santuário, sob pena de morte²⁰. Uma inscrição, em grego, para que todos a pudessem ler, rezava:

²⁰ BICKERMAN, Elias J. Warning Inscription of Herod's Temple. *The Jewish Quarterly Review*, v. 37, n. 4, 1947, p. 388. Em minúsculas, seria: Μηθένα ἀλλογενῆ εἰσπο ρεύεσθαι ἐντὸς τοῦ περὶ τὸ ἱερὸν τρυφάκτου καὶ περιβόλου. “Ὁς δ’ ἂν ληφθῆ, ἑαυτῶι αἰτίος ἔσται διὰ τὸ ἕξακολουθεῖν θάνατον.



ΜΗΘΕΝΑ ΑΛΛΟΓΕΝΗ ΕΙΣΠΟ ΡΕΥΕΣΘΑΙ ΕΝΤΟΣ ΤΟΥ ΠΙΕ ΠΙ ΤΟ
ΙΕΡΟΗ ΤΡΥΦΑΚΤΟΥ ΚΑΙ ΠΕΡΙΒΟΛΟΥ ΟΣ ΔΑΝ ΛΗ ΦΘΗ ΕΑΥΤΩΙ
ΑΙΤΙΟΣ ΕΣ ΤΑΙ ΔΙΑ ΤΟ ΕΞΑΚΟΛΟΥ ΘΕΙΝ ΘΑΝΑΤΟΝ

“Nenhum estrangeiro entrará no pátio guardado do Santuário.
Aquele que, porém, for aí encontrado, será responsável
por provocar a própria morte”.

Essa inscrição é aludida por Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, nas obras *Guerra Judaica e Antiguidade Judaica*²¹. Ela é considerada o muro da inimizade que separava judeus e gentios a que Ef 2,14 se refere. Com a destruição do Templo no ano 70 d.C., o muro de separação continuou a motivar a inimizade, não mais como uma inscrição na pedra, mas ideologicamente, como uma inscrição nas entranhas das consciências. O Novo Testamento registra que a inclusão dos gentios na comunidade cristã foi considerada, por muitos cristãos de origem judaica no primeiro século, como uma grande ofensa (cf. Mc 7,26-27; At 21,27-28). E só a custo, os mesmos puderam ocupar seu espaço nas comunidades cristãs das origens. Sobre isso, Lucas escreve o episódio de Pedro na casa de Cornélio e mostra como a entrada dos gentios na comunhão eclesial não se deu por iniciativa humana, mas por ação do próprio Espírito (At 10,1-11,18)²².

Se Deus é comunhão – Pai, Filho e Espírito Santo – e se por meio de Cristo ele restaurou a unidade dos humanos, derrubando definitivamente o muro da separação, o que dizer dos muros de separação que ainda hoje se erguem entre nós? Por que ainda tanta violência contra os homossexuais, tanto preconceito e racismo em relação aos negros, tanta imposição sobre as culturas dos povos originários e tanta sujeição das mulheres aos varões? Parece que a superação se deu no âmbito teológico-soteriológico, mas sua implicação prática anda bem longe de nossas igrejas e dos corações dos crentes. Em tempos de pluralismo religioso e cultural, nenhum testemunho cristão pode ser mais eficaz que o da tolerância e do diálogo entre as religiões. E, em meio a uma sociedade multirreferencial e sem uma visão hegemônica, nada pode ser mais cristão que aceitar o outro do jeito que ele é, embora não concordemos com seu modo de viver.

²¹ BICKERMAN, 1947, p. 400.

²² CARMO, Solange Maria do. *Jesus, Boa-nova universal de Deus: estudo bíblico-catequético a partir de At 10,1-11,18*. Goiânia: Scala, 2014. v. 1 e 2.



A fé cristã, em nome da verdade salvífica, não pode ser instrumento de divisão. Qualquer pretensão nesse sentido nega a essência da própria fé, que tem em Cristo aquele que supera o muro da divisão. Deixar que o outro seja, que ele se descubra e que construa para si uma identidade confiável, é sem dúvida a maior dádiva que podemos ofertar aos outros. Como os cristãos de origem judaica pressionavam os cristãos do mundo gentílico a entrarem na forma do judaísmo, não faltam hoje cristãos apegados ao regime de cristandade, que tencionam obrigar as consciências a se curvarem às suas crenças. Em vez do *ἀγάπη* (agape) de Cristo, ofertam violência e desrespeito. Semeiam discórdias e colhem inimizades. Isto pode ser visto nas redes sociais e em outros meios de comunicação: homéricos debates tentam incriminar as partes. Em vez de tolerância e diálogo, veem-se acusações e ofensas. Em vez de perdão e ajuda mútua, encontramos juízos pesados e exclusão, quando se deveria saber que a “tolerância é a marca característica principal da verdadeira igreja”²³.

A Carta aos Efésios com sua mensagem central sobre a unidade nos convida a enxergar além de nossas convicções intransigentes e a derrubar os muros de separação. Toda pessoa merece e exige respeito. Por meio de Cristo morto e ressuscitado, a humanidade foi unida ao Pai, mas essa unidade se efetiva por caminhos que nem sempre conseguimos enxergar. Ele é o Deus misterioso que age na intimidade das consciências e não permite mais juízo sobre o outro. Nele, todos estamos unificados e, conseqüentemente, obrigados a um amor ético que ultrapassa as afinidades ideológicas. Não escolhemos ser irmãos deste ou daquele sujeito. Irmãos a gente não escolhe; são-nos dados. E uma vez que nos são dados, estamos obrigados ao amor. Nossa unidade não é fruto de emoções, mas da obra salvífica de Cristo que fez dos povos um só e derubou definitivamente os muros de separação. Qualquer outra tentativa de cristianismo é jogo de interesses e ignorância teológica. Certamente, ao cristão, é possível tolerar tudo, menos a intolerância. Esta mostra a face mais feia da humanidade e a instrumentalização da religião e da fé em nome dos interesses próprios.

Referências

- ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro; RIBEIRO, Susie Helena. Targumim, as traduções aramaicas do Antigo Testamento, e alguns paralelos com o Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 1, p. 55-72, 2020.
- CARMO, Solange Maria do. *Jesus, Boa-nova universal de Deus: estudo bíblico-catequético a partir de At 10,1-11,18*. Goiânia: Scala, 2014. v. 1 e 2.

²³ OCKE, John. *Cartas sobre a tolerância*. São Paulo: Ícone, 2004. p. 75.



CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM sobre a revelação divina. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, 7. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

ARZT-GRABNER, Peter. Paul's Letter Thanksgiving. In: PORTER, Stanley E. and ADAMS, Sean A (ed.). *Paul and the Ancient Letter Form*. Leiden: Brill, 2010. p. 129-158.

BARTH, Markus. *Ephesians: Introduction, Translation, and Commentary on Chapters 1-3*. New York: Doubleday and Company, 1974.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BICKERMAN, Elias J. Warning Inscription of Herod's Temple. *The Jewish Quarterly Review*, v. 37, n. 4, 1947, p. 387-405.

BROWN, Raymond E. *The churches the apostles left behind*. New York: Paulist Press, 1984.

BRUCE, Frederick Fyvie. *The Canon of Scripture*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1988.

CROUCH, James E. *The Origin and Intention of the Colossian Haustafel*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972.

HORSLEY, Richard A. "Paul and Slavery: A Critical Alternative to Recent Readings". *Semeia*, n. 83-84, 1998, p. 153-200.

KEENER, Craig. *Paul, Women and Wives: Marriage and Women's Ministry in the Letters of Paul*. Peabody: Hendrickson, 1992.

MacDONALD, Margaret. *The Pauline Churches: A Socio-Historical Study of Institutionalization in the Pauline and Deutero-Pauline Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. Society for New Testament Studies Monograph Series, 60.

OCKE, John. *Cartas sobre a tolerância*. São Paulo: Ícone, 2004.

PENN-LEWIS, Jessie. *The Magna Charta of Woman*. Minneapolis: Bethany Fellowship, 1975.

THOMAS, Yan. Droit domestique et droit politique à Rome. Remarques sur le pécule et les honores des fils de famille. *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, vol. 94, n. 2, 1982, p. 527-580.

TITE, Philip L. How to begin, and why? Diverse functions of the pauline prescript within a greco-roman context. In: PORTER, Stanley E. and ADAMS, Sean A (ed.). *Paul and the Ancient Letter Form*. Leiden: Brill, 2010. p. 57-99.